

COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA NO MERCADO EDITORIAL BRASILEIRO: IMPLICAÇÕES AO CAMPO EDUCACIONAL

Andreia Xavier Teixeira  0009-0004-7095-5985

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

Dra. Elise Helene Moutinho Bernardo de Moraes  0000-0003-0147-5393

Colégio Franciscano São José

Emily dos Santos  0009-0005-0795-352X

Dra. Flávia Burdzinski de Souza  0000-0001-7426-5712

Universidade Federal da Fronteira Sul

RESUMO: O trabalho apresenta uma análise crítica acerca do conteúdo da síntese dos livros mais vendidos no mercado editorial brasileiro, vinculado ao tema da comunicação não violenta. Este estudo emerge de uma problematização a partir da seguinte questão: as obras mais vendidas pelo mercado editorial brasileiro, que tratam do tema da comunicação não violenta, podem contribuir com práticas de mediação de conflitos na escola? Para mais, buscamos compreender que implicações deste conteúdo reverberam no campo educacional, no que tange às relações e mediação de conflitos. O ambiente escolar propicia momentos de construção que envolvem diferentes relações entre os sujeitos, o que significa existir com o outro em constante aprendizado, com possibilidades convergentes e divergentes em vivências éticas. A pesquisa é de caráter qualitativo, empregando, como procedimentos, a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental. O *locus* escolhido para realizara pesquisa documental foi o *site* da Amazon.com, de onde foram selecionadas as três obras mais vendidas e comentadas envolvendo a temática. A produção dos dados deu-se a partir da síntese que consta na descrição das obras no *site*, analisando quais implicações podem ser geradas a partir do seu conteúdo nas relações e na mediação de conflitos na escola. Destaca-se que, em geral, as obras dão ênfase ao viés da psicologia humanista e/ou comportamental, possuindo poucas interlocuções com o contexto educacional escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação não violenta; Ambiente educacional; Relações cotidianas.

NON-VIOLENT COMMUNICATION IN THE BRAZILIAN PUBLISHING MARKET: IMPLICATIONS FOR THE EDUCATIONAL FIELD

ABSTRACT: The work presents a critical analysis of the content of the synthesis of the best-selling books circulating in the Brazilian publishing market linked to the theme of non-violent communication. This study emerges from a problematization based on the following question: can works that deal with the topic of non-violent communication contribute to conflict mediation practices at school? Furthermore, we seek to understand the implications that this content has on the educational field in terms of relationships and conflict mediation. The school environment provides moments of construction that involve different relationships between subjects, which means existing with others in constant learning, with converging and divergent possibilities in ethical experiences. The research is qualitative and documentary in nature, using bibliographic methodology. The locus chosen for data collection was the Amazon.com website, selecting the most sold and commented works involving the theme. Data collection was based on the synthesis contained in the description of the works on the website, analyzing what implications can be generated by the application of the content in relationships and conflict mediation at school. It is noteworthy that in general the works emphasize the psychology bias, having few dialogues with the school educational context.

KEYWORDS: Non-violent communication; Educational environment; Everyday relationships.



1 APRESENTAÇÃO

Na direção da construção de uma sociedade livre, justa e solidária, conforme prevê o artigo 3º da Constituição Federal (Brasil, 1988), o ambiente educacional é um campo favorável às percepções, reflexões e interações dos sujeitos, constituindo relacionamentos e vivências para além do ambiente doméstico, no encontro de histórias, valores e culturas individuais e coletivas. Especificamente na escola, esse *lócus* privilegiado de convivência social, o trabalho educativo desenvolve-se na/pela ética, entendida para além dos moralismos formais, legislativos, normativos e/ou religiosos. O termo ética vem de *ethos*, o que significa “da morada”, de como habitamos um espaço-ambiente, portanto, sempre relacional, traduzindo uma capacidade de relações *concertadas* e *consertadas* com a vida, capacidade para lidar com conflitos de modo positivo (Pelizzoli, 2012). Para tanto, podemos dizer que isso significa existir com o outro em constante aprendizado, com possibilidades convergentes e divergentes em vivências éticas, uma vez que a ética se faz no encontro (Freire, 2013).

Tomando essas premissas como ponto de partida, o presente trabalho é fundamentado em uma análise crítica acerca do conteúdo dos livros mais vendidos que circulam pelo mercado editorial brasileiro, vinculado ao tema da comunicação não violenta. A problemática que orientou a pesquisa foi definida pela seguinte questão: as obras mais vendidas pelo mercado editorial brasileiro, que tratam do tema da comunicação não violenta, podem contribuir com práticas de mediação de conflitos na escola?

Esta pesquisa teve início com o desenvolvimento do trabalho de conclusão de curso de graduação em Pedagogia de uma das autoras, o qual inspirou a continuidade neste estudo. O objetivo é problematizar o que tem sido consumido popularmente como Comunicação não violenta, para, então, analisar como esse discurso tem se inserido no campo escolar, uma vez que, nos últimos anos, temos discutido esses



temas no âmbito da participação no Grupo de Pesquisas em Educação Emocional (GRUPEE), da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Pela abordagem do problema, a pesquisa é de caráter qualitativo, empregando, como procedimentos, a pesquisa bibliográfica e documental. A pesquisa bibliográfica destaca-se pela característica de buscar a resolução de um problema por meio de referenciais teóricos já publicados. Dessa forma, para Lakatos e Marconi (2003, p. 183): “[...] a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”. Esta pesquisa permitiu construir o segundo e o quarto subcapítulos do texto, delimitando a temática da comunicação humana e da comunicação não violenta na resolução de conflitos na escola, sob uma perspectiva ética.

Como destacam Lüdke e André (2015), para desenvolver uma pesquisa documental, o pesquisador precisa investir tempo e atenção para selecionar e analisar os documentos mais relevantes. Assim, para a produção dos dados da pesquisa documental, o *locus* escolhido foi o *site* da Amazon.com, uma vez que a empresa é protagonista na busca para compras de livros *online*. No *site*, foram identificadas as obras mais vendidas e comentadas/avaliadas, que envolvessem a temática da comunicação não violenta, utilizando como, fonte de pesquisa, as sínteses que constam na descrição das obras selecionadas. Então, com o *corpus* da pesquisa documental selecionado, a construção do texto que compõe a seção de número 3 foi realizada.

2 A COMUNICAÇÃO HUMANA E SUAS INTERFACES COM A COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA NA ESCOLA

A capacidade humana de interagir, decidir, escolher, intervir, agir, comunicar, romper, entre outras ações, faz com que homens e mulheres sejam sujeitos históricos-sociais, seres éticos ou não, como afirma Freire (2013). Na relação dialógica com os



outros, a vida se estabelece, pois os seres humanos convivem num mundo sistêmico, em que encontram sentido na sua existência com as relações que estabelecem socialmente. Dessa forma, constroem-se identidades, sociabilidade e cultura em diferentes espaços de aprendizado, como a família e a escola, por exemplo, utilizando a comunicação como forma de falar *com* o outro, a favor ou na defesa de algo, de forma sutil ou explícita, de maneira clara ou truncada (Freire, 2013).

Nessa direção, faz-se necessário elucidar que o sentido de se comunicar é fundamental para nosso desenvolvimento, não só linguístico, mas, sobretudo, cognitivo, afetivo e social. Ademais, a essa sociabilidade está vinculado o modo como vão se constituindo as diversas interfaces que a comunicação apresenta ao humano, conforme Pelizzoli (2012, p. 15) aduz

A comunicação, como linguagem, deve ser entendida primeiramente como dimensão ontológica (essencial, constitutiva), e não apenas instrumento para o ser humano entrar em contato com outrem por meio da fala. Comunicação é o fato de exercer a vida sistêmica, e tal como a linguagem constitui o que somos a cada momento, a nossa história, as narrativas, memórias, feitos, sonhos, ideais, textos, discursos, enfim, signos. Somos seres de significação, desde quando um nosso ancestral símio emitia sons em cima de uma árvore para avisar ao grupo sobre um animal predador, até chegar às idiossincrasias informáticas em que um sujeito torna-se um blog ou um apêndice de signos multifacetados e de multimeios. Somos seres da identidade, do grupo, e também da alteridade, da estranheza.

Assim sendo, entendemos que a comunicação está para além do ato de se estabelecer diálogos orais entre humanos. Comunicar-se tem relação com estabelecer laços, trocar ideias, mudar discursos e pontos de vista, anunciar novidades, descobertas, enfim, comunicar-se é estabelecer interação humana (Freire, 2013). E, na escola, a comunicação também atua na aceitação do novo, na rejeição de formas de discriminação e no risco de se estar em companhia. Neste sentido, Freire (2013, p. 39) salienta que:

A tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de entender, desafiar o educando com quem se comunica e a quem comunica, produzir sua compreensão do que vem sendo



comunicado. Não há inteligibilidade que não seja comunicação e intercomunicação e que não se funde na dialogicidade. O pensar certo por isso é dialógico e não polêmico.

Além de produzir sua compreensão sobre o que vem sendo comunicado e a quem se está comunicando, Freire (2013) também ressalta que a comunicação é uma das formas de existência humana, seja pela oralidade ou pela escrita, uma vez que as palavras assumem o sentido de dizer sobre o nosso modo de fazer o mundo.

No que tange à comunicação como identidade de sentido das relações humanas, Pelizzoli (2012, p. 25) afirma que:

Comunicação não é apenas jogo de signos e significantes, não é apenas falar, escrever e sinalizar, não é um mero instrumento, não é um corpo de estudos ou uma ideologia, não é um jogo gramatical e de léxicos, mas linguagem vital, e como tal, ambiente/meio da vida humana como sociabilidade (Pelizzoli, 2012, p. 25).

Nesse cenário, ao prezar-se por relações sociais mais éticas e respeitadas, a comunicação não violenta vem se tornando uma das “ferramentas” para lidar com os conflitos sociais, principalmente os que geram ações desrespeitosas com outro, como agressões físicas e verbais, discriminações etc. em escolas, famílias ou no âmbito da justiça, visto que, por exemplo, tornou-se uma das bases fundamentais das Práticas Restaurativas (Pelizzoli, 2012). Neste sentido, em qualquer uma dessas esferas, é importante considerar que essa ferramenta se identifica por intersubjetividades e perpassa o diálogo, pelos modos de ver, sentir e interpretar o mundo.

Com efeito, é importante elucidar que o conceito de “comunicação não violenta” tem origem nas pesquisas de Marshall Rosenberg, psicólogo americano, que, em 2006, cunhou esse termo como uma ferramenta para a resolução de conflitos. Segundo o autor, a Comunicação não violenta (CNV) é compreendida como “[...] um poderoso modelo de comunicação, mas vai muito além disso. É um modo de ser, de pensar e de viver. Seu propósito é inspirar conexões sinceras entre as pessoas de maneira que as necessidades de todos sejam atendidas por meio da doação



compassiva” (Rosenberg, 2019, p. 7). Além disso, considera-se que o processo da CNV é um modo de expressar o que está vivo em nosso interior.

A CNV “[...] consiste em habilidades de pensamento e comunicação que nos permitem nos conectar de forma compassiva com os outros e com nós mesmos” (Rosenberg, 2019, p. 12). Em complemento, Rosenberg (2019) acrescenta a ideia de que a cooperação em momentos de conflitos origina-se quando os envolvidos passam a confiar que suas necessidades e valores serão respeitados e levados em consideração. Pontua, nessa perspectiva, que “atender as necessidades dos outros não significa que você tenha que renunciar às suas. Significa demonstrar-lhes que está interessado tanto nas deles quanto nas suas” (Rosenberg, 2019, p. 29), enfatizando, assim, que, para uma boa comunicação, é necessário expressarmos e ouvirmos as necessidades mútuas.

Pelas afirmações do próprio autor, percebemos que a CNV tem a base teórica e prática nas vivências humanas, fazendo uso das habilidades de linguagem e comunicação que fortalecem a capacidade humana mesmo em condições adversas (Rosenberg, 2019). Por isso, essa ferramenta não teria nada de novo, pois tudo que foi integrado a ela já era conhecido há séculos pela humanidade, a questão é resgatar esse conhecimento de forma prática na capacidade de relações respeitosas uns com os outros (Pelizzoli, 2012).

Nessa direção, a CNV aborda diálogos acerca de conflitos, para expressar aqueles que geram mais dor, mágoas, estrago, sinergia negativa, ou os que geram sinergia positiva, mudanças criativas, renovações e novos estágios de relação ou comunicação. Assim, observamos que muitos textos na área de resolução de conflitos buscam, cada vez mais, essa dimensão da comunicação e do discurso, embora abordem isso numa dimensão instrumental e não ontológica, edificadora da sociabilidade e ética (Pelizzoli, 2012).

Na vida social, circulam muitas formas de sentidos de ver e estar no mundo, num verdadeiro jogo sistêmico com algumas regras e com muita complexidade e possibilidades em aberto; circulam entre nós, essencialmente, amor e ódio, ligação e



repulsão, pois a comunicação é a base da vida social, dos conflitos e das suas resoluções. Com isso, situações de conflitos emergem de diferentes contextos, vivências e problemas. De acordo com Pelizzoli (2012, p.19), “[...] pensar os conflitos exige indagar como o meu ser no mundo tem se exercido, o que me cabe diante da vida conflitiva, que envolve a mim e a meus próximos”. Para tanto, é importante refletir sobre os espaços e as ferramentas que se dispõem para lidar com os conflitos e de como se está emocionalmente preparado, pois isso implica pensar como ajudar o outro a lidar com determinadas situações.

Nessa perspectiva, encontra-se o território do diálogo estabelecido pelo encontro com o outro, na possibilidade de construir uma comunicação que atue com ética, não se restringindo ao uso instrumental (Freire, 1983; 2013). Assim, a dinamicidade do encontro, em que o olhar rompe todas as lógicas e desarma todas as estruturas, emerge da força construtora da matriz humana, que se fundamenta em relações entre sujeitos que abrem diante de si espaço e tempo para encontros sinceros e dialógicos (Pelizzoli, 2012).

Ao pensar na comunicação como forma de estabelecer (ou não) relações interpessoais em todos os espaços de encontros, é fundamental lembrar a importância que Freire deu a essa capacidade humana, como objeto de expressão do pensamento:

[...] Comunicar é comunicar-se em torno do significado significativo. Desta forma, na comunicação, não há sujeitos passivos. Os sujeitos co-intencionados ao objeto de seu pensar se comunicam em conteúdo. O que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se, é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo. Em relação dialógica-comunicativa, os sujeitos interlocutores se expressam, como já vimos, através de um mesmo sistema de signos linguísticos. É então indispensável ao ato comunicativo, para que este seja eficiente, o acordo entre os sujeitos, reciprocamente comunicantes. Isto é, a expressão verbal de um dos sujeitos tem que ser percebida dentro de um quadro significativo comum ao outro sujeito (Freire, 1983, p. 45).

Nesse contexto de interfaces da comunicação, considerando-a como a base da vida social, dos conflitos e das suas resoluções, na sua vivência, é preciso lembrar



que a interpretação deve incluir não só a explicação do que a mensagem significa no seu próprio mundo, como também o que significa em termos do momento atual. Portanto, compreender a mensagem comunicada é trazer o que é essencial do passado para o presente, permanecendo a ideia de que o homem pode transcender a condição de objeto para a de sujeito, pois, ontologicamente, é vocacionado para ser mais (Gadamer, 2015).

Ademais, vale enfatizar que, infelizmente, ainda temos debatido pouco o modo como nos comunicamos como humanos para resolver os conflitos e as adversidades do dia a dia, de modo menos violento, o que impede que nosso pensamento se expanda nesse âmbito. "Em vez disso, passamos a desumanizar uns aos outros com rótulos e julgamentos, de modo que até o mais simples dos conflitos se torna difícil de ser solucionado" (Rosenberg, 2019). Com isso, podemos refletir que a comunicação se torna uma forma ética de expressar os sentimentos e as necessidades por meio do diálogo, exercendo a escuta ativa com o outro e procurando resolver os conflitos de maneira com que todos os envolvidos tenham espaço para manifestarem-se.

3 O PERCURSO DA PESQUISA DOCUMENTAL: O QUE É CONSUMIDO COMO COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA?

Em âmbito acadêmico, é necessário avaliar com cautela e complexidade o aspecto comunicacional, podendo-se considerar que muitos estudiosos da área se restringem a dimensões gramaticais, análise de discursos, linguística e pesquisas do gênero, muitas vezes, sem uma análise pragmática, deixando de levar em conta as implicações em termos de violência e pacificação, no que tange ao aspecto resolutivo da comunicação. Em vista disso, observamos que, na academia científica, o viés sobre dimensões resolutivas e ético-práticas da linguagem, para além do instrumento de trabalho e pesquisa, nem sempre é abordado. Por outro lado, a população, em



geral, não olha criticamente e lucidamente para o modelo de comunicação utilizado, tanto que sofre com manipulações de todo tipo via discursos e mídias (Pelizzoli, 2012).

Nessa perspectiva, realizamos a pesquisa documental, associada às obras mais vendidas sobre o tema “comunicação não violenta”. Em uma busca por esse termo, realizada no *site* “Amazon.com”, em setembro de 2023, foram encontradas diversas obras, tendo sido determinado previamente que as três obras mais vendidas seriam analisadas na pesquisa. Assim, o resultado da busca está ilustrado na Figura 1:

Figura 1 - Quadro de obras

<p>COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA - TÉCNICAS PARA APRIMORAR RELACIONAMENTOS PESSOAIS E PROFISSIONAIS</p>	<p>A RAIVA NÃO EDUCA. A CALMA EDUCA: POR UMA GERAÇÃO DE ADULTOS E CRIANÇAS COM MAIS SAÚDE EMOCIONAL</p>	<p>O LIVRO QUE VOCÊ GOSTARIA QUE SEUS PAIS TIVESSEM LIDO: (E SEUS FILHOS FICARÃO GRATOS POR VOCÊ LER)</p>
<p>1</p>  <p>MARSHALL B. ROSENBERG (AUTOR) MÁRIO VILELA (TRADUTOR) - 2021</p>	<p>2</p>  <p>MAYA EIGENMANN 2022</p>	<p>3</p>  <p>PHILIPPA PERRY (AUTOR), GUILHERME MIRANDA (TRADUTOR) - 2020</p>

Fonte: Elaborado pelas autoras com base nas informações do *site* da Amazon.com (2023).

O *site* Amazon.com apresenta as informações de cada obra, inclusive o resumo que consta em cada livro. Compreendendo que, geralmente, ao escolher uma leitura, as pessoas buscam saber o que ela oferece, entendemos como relevante analisar os resumos apresentados, uma vez que eles podem ser um convite ao leitor, comunicando seu conteúdo de forma a evidenciar seus saberes e posicionamentos sobre o assunto. Além disso, os resumos das obras são fontes documentais que ajudam a produzir os dados da pesquisa (Ludke; André, 2015).



O livro “Comunicação não violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais”, de Marshall Bertram Rosenberg (2021), foi publicado, originalmente, em inglês no ano de 1999, e traduzido por Mário Vilela para a Língua Portuguesa pela primeira vez em 2006. Em sua quarta edição no Brasil, o livro aborda questões mais direcionadas à prática da CNV, conforme evidencia seu resumo apresentado na Figura 2.

Rosenberg é um psicólogo americano, que baseia as suas escritas nos estudos realizados com Carl Rogers, descendente da corrente da psicologia humanista¹. Por essa razão, no decorrer de seu resumo, podemos inferir que, segundo o autor, os conflitos podem ser solucionados a partir de uma boa comunicação, desenvolvida a partir das palavras e da escuta do outro. Além disso, como apresentado anteriormente, esse autor é conhecido como o propulsor da CNV.

Figura 2 - Resumo do livro de Marshall Rosenberg.

COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA - TÉCNICAS PARA APRIMORAR
RELACIONAMENTOS PESSOAIS E PROFISSIONAIS

Em um mundo violento, cheio de preconceitos, conflitos e mal-entendidos, buscamos ansiosamente soluções para melhorar nossa relação com os outros. Nesse sentido, a boa comunicação é uma das armas mais eficazes. Grande parte dos problemas entre casais, pais e filhos, empregados e empregadores, vizinhos, políticos e governantes pode ser amenizada e frequentemente evitada apenas com... palavras. Porém, saber ouvir o que de fato está sendo dito pelo outro e expressar o que de fato queremos dizer, embora pareça tarefa simples, é das mais difíceis. Nesta obra, best-seller no Brasil e no mundo, Marshall Rosenberg explica de maneira revolucionária os valores e princípios da comunicação não violenta, que se baseia em habilidades de linguagem e comunicação que fortalecem nossa capacidade de manter a humanidade, mesmo em condições adversas. Usando sua experiência como psicólogo clínico e criador do método da CNV, ele ensina o leitor a: • entregar-se de coração aos relacionamentos e se libertar dos condicionamentos e dos efeitos de experiências passadas; • identificar e expressar sentimentos; • expressar a raiva de forma não violenta; • transformar padrões negativos de pensamento; • resolver seus conflitos com os outros de forma pacífica; • criar relacionamentos interpessoais baseados em respeito mútuo, compaixão e cooperação. Nesta nova edição, que conta com um capítulo inédito sobre mediação e solução de conflitos e prefácio de Deepak Chopra, Marshall Rosenberg consolida seu trabalho, reconhecido mundialmente, e compartilha com os leitores ensinamentos testados e comprovados na prática.

Fonte: elaborado pelas autoras com base nas informações do *site da Amazon.com* (2023).

¹ Informações produzidas a partir da leitura das apresentações das suas obras.



Observando o título da obra de Rosenberg, percebemos que suas considerações são direcionadas a relacionamentos pessoais e profissionais, identificando os sentimentos e expressando-se com respeito mútuo, compaixão e cooperação. Lendo o livro, encontramos relatos de casos de “sucesso”, em que a metodologia da comunicação não violenta, desenvolvida pelo autor, foi aplicada em contextos sociais e domésticos, embora possamos, de certa forma, pensar no contexto escolar, uma vez que as concepções do autor são entendidas como uma metodologia a ser “aplicável” em diferentes situações.

A segunda obra mais vendida pelo *site* da Amazon.com, intitulada como “A raiva não educa, a calma educa: por uma geração de adultos e crianças com mais saúde emocional”, da brasileira Maya Eigenmann, foi publicada em setembro do ano de 2022. As informações do seu resumo estão ilustradas na Figura 3:

Figura 3 - Resumo do livro de Maya Eigenmann

A RAIVA NÃO EDUCA. A CALMA EDUCA: POR UMA GERAÇÃO DE ADULTOS E CRIANÇAS COM MAIS SAÚDE EMOCIONAL

“FOI NA BUSCA DE OUTRAS FORMAS [DE EDUCAÇÃO] QUE CONHECI A MAYA E A EDUCAÇÃO RESPEITOSA. [...] NESTE LIVRO, MAYA FALA COMO SE ELA ESTIVESSE SENTADA NA SUA FRENTE, TOMANDO UMA XÍCARA DE CAFÉ, TE OUVINDO SEM JULGAMENTOS, E FALANDO: ‘EU TE ENTENDO, DEIXA TE CONTAR UMA COISA...’”

Paola Carosella, chef de cozinha, empresária e mãe da Fran

MAYA EIGENMANN, pedagoga e educadora parental, convida você a repensar tudo o que sabe sobre educar crianças, mostrando que esse processo não precisa (nem deve) ser autoritário, constrangedor e ameaçador. Na educação respeitosa, proposta pela autora, considera-se as necessidades e os sentimentos da criança, sem deixar de colocar os limites necessários na criação dela. Isso significa que o objetivo é desenvolver o respeito da criança e do adolescente, e não a obediência, pura e simplesmente.

Ao longo do livro, você perceberá que a educação respeitosa, na verdade, não tem como foco principal as crianças, e sim os adultos, porque, para Maya, somos nós que precisamos ser reeducados com respeito e amor para que possamos propagar uma educação saudável às futuras gerações.

Fonte: elaborado pelas autoras com base nas informações do *site* da Amazon.com (2023).



Maya Eigenmann é uma pedagoga e educadora parental, sócia da escola da Educação Positiva, que atua com a venda de cursos e pós-graduações na área do apego seguro, da educação positiva e da inteligência emocional². Eigenmann compõe uma equipe formada por cinco mulheres e atua, principalmente, na formação de pais sobre como educar seus filhos, utilizando conceitos da disciplina positiva. Em uma popular rede social, o perfil da autora conta com mais de 1,3 milhões de seguidores, espaço em que dissemina técnicas e dicas sobre como construir relações mais saudáveis com as crianças, em especial, nas relações parentais.

A partir do resumo de sua obra, podemos perceber que seu enfoque está no contexto doméstico, pois enfatiza que os pais devem adotar uma educação respeitosa, com base nos sentimentos e necessidades das crianças e dos adultos.

Não há, nesse resumo, maiores esclarecimentos sobre a perspectiva teórica da autora, mas, em suas redes sociais, ela afirma ser filiada a uma “educação positiva”. Mais uma vez, não é mencionada a esfera escolar no texto do resumo, porém, de certo modo, suas concepções podem ser interpretadas de forma com que o leitor, sendo professor ou professora, reflita sobre sua realidade e suas perspectivas em relação aos sujeitos da escola.

Por fim, a terceira obra mais vendida foi “O livro que você gostaria que seus pais tivessem lido (e seus filhos ficarão gratos por você ler)”, de Philippa Perry - traduzido do inglês britânico para a Língua Portuguesa em fevereiro de 2020. O livro aborda a educação parental - tema apresentado desde o título - evidenciando o público que deseja alcançar. Com a leitura do resumo, também é possível perceber um enfoque nos relacionamentos parentais, quando são mencionados os sentimentos dos filhos, sendo esse um aspecto central dentre os conceitos abordados pela CNV. Além disso, consideramos que os comportamentos são uma forma de comunicação, conforme retratado na figura 4:

² Informações sobre a autora, descritas neste parágrafo, foram produzidas a partir da pesquisa nas suas redes sociais.



Figura 4 - Resumo livro de Philippa Perry

O LIVRO QUE VOCÊ GOSTARIA QUE SEUS PAIS TIVESSEM LIDO: (E SEUS FILHOS FICARÃO GRATOS POR VOCÊ LER)

Neste livro completo, inteligente e bem trabalhado, a renomada psicoterapeuta Philippa Perry revela o que realmente importa e quais comportamentos evitar – a cartilha essencial para pais.

Todos os pais querem que seus filhos sejam felizes, sem errar na educação. Mas como atingir esses objetivos?

Em vez de mapear um plano “perfeito”, Philippa Perry oferece um olhar geral sobre como desenvolver relacionamentos de qualidade. Sem julgamentos e regras, Perry ensina a:

- entender como sua própria criação afeta sua relação com seus filhos;
- aceitar que irá cometer erros e entender o que pode fazer a respeito deles;
- dar fim a ciclos e padrões de comportamento negativos;
- lidar com os próprios sentimentos, assim como os de seus filhos;
- entender o que comportamentos diferentes comunicam.

Repleto de conselhos sábios, este é um livro que todos os pais vão desejar ler e cada filho gostará que seus pais tenham lido.

Fonte: elaborado pelas autoras com base nas informações do *site* da *Amazon.com* (2023).

Perry é uma psicoterapeuta britânica, que pesquisa a área da psicologia humanista e atua na área da saúde mental há mais de 20 anos³. Além de escritora, já atuou em programas de televisão e de rádio na Inglaterra, divulgando as ideias sobre como estabelecer bons relacionamentos entre pais e filhos. Não foram encontradas maiores informações sobre a perspectiva teórica que embasa as ideias da autora e que dá origem à obra.

De modo geral, após as leituras dos resumos, podemos inferir que tais obras possuem um foco maior na via da educação familiar, visto que a escrita está sendo direcionada muito mais aos pais e/ou relações entre adultos e crianças. Contudo, sabemos que, na esfera escolar, essas obras também circulam nas leituras de educadores, pois, apesar de aparentemente não terem uma aproximação com o

³ Informações sobre a autora foram produzidas a partir da pesquisa no *site* de editoras que publicam suas obras no Brasil.



campo acadêmico-científico, o fato de ocuparem a posição de mais vendidas reforça a alta comercialização entre a sociedade, o que acaba gerando uma certa “cultura” de consumo, o que, possivelmente, provoca um “modismo” em torno do tema.

Em vista disso, é visível o aumento da quantidade de ofertas de cursos, propagandas de eventos e vídeos sobre o tema, os quais têm circulado pelas redes sociais e mídia televisiva. Aparentemente, parece que o campo da CNV está em alta e rendendo bons índices de vendas para o mercado educativo, em especial, em época de “competências socioemocionais”, firmadas, no âmbito de políticas educacionais, como a Base Nacional Comum Curricular. Esse cenário demonstra a necessidade de refletirmos com maior profundidade sobre como o conceito da CNV pode ser abordado pela escola a partir de um viés mais ético, acadêmico e científico e não somente mercadológico ou daquilo que “está na moda”.

4 E ENTÃO, COMO PENSAR AS PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO DE CONFLITOS PELA VIA DA COMUNICAÇÃO NAS ESCOLAS?

A partir da análise do resumo das obras, percebemos que o tema da comunicação humana e da CNV possuem um debate humanista e/ou comportamental, atuando para que se estabeleça interações humanas menos violentas e mais respeitadas na sociedade como um todo. Por acreditar que o ambiente escolar propicia a construção de relações e vínculos, sejam eles entre as próprias crianças ou entre adultos e crianças, precisamos debater como práticas e teorias sobre a mediação de conflitos se fazem presentes na esfera educacional.

Cotidianamente, é comum nos depararmos com situações conflituosas, podendo ser disputas de brinquedos, contradições de ideias e até mesmo maneiras agressivas de expressar os sentimentos, considerando a possibilidade de existência de conflito, uma vez que ele “[...] é parte integrante da vida e da atividade social, quer contemporânea, quer antiga” (Chrispino, 2007, p. 16). Por essa razão, cabe aos profissionais da escola pensarem sobre como as mediações podem ser desenvolvidas



de modo adequado (ou não) a cada momento e a cada sujeito, contextualizando suas ações. Nesse viés, firma-se o posicionamento de que a CNV não seja meramente tomada como uma ferramenta a ser “aplicada”, uma vez que contextos diversos exigem estratégias também plurais de resolução de conflitos.

Por considerar que o “conflito é um fenômeno social normal e importante que existe em todas as sociedades, sobretudo nas sociedades democráticas” (Assis e Marriel, 2010, p. 58), entendemos que os conflitos são saudáveis na medida em que abrem espaço e dão liberdade para as divergências encontrarem-se, podendo os sujeitos discordarem de certas ideias, dialogar e encontrar o ponto de vista do outro. Segundo Chrispino (2007, p. 16), “[...] o conflito se origina da diferença de interesses, de desejos e de aspirações”, afinal, cada pessoa possui um conjunto de interesses próprios e busca satisfazer a si mesmo, entrando em desacordo quando há contradições por parte de outra pessoa. Portanto, o conflito pode envolver qualquer pessoa, de qualquer idade e em diferentes ambientes.

Muitos conflitos também têm origem na ausência de diálogo, havendo uma dificuldade na comunicação e, muitas vezes, gerando atos de violência (Chrispino, 2007). E, neste sentido, quando o diálogo “[...] se manifestou de forma violenta é porque já existia antes na forma de divergência ou antagonismo, e nós não soubemos ou não fomos preparados para identificá-lo” (Chrispino, 2007, p.16). Em outros termos, quando há ações violentas, podemos entender que, antes mesmo delas, já havia certos indícios de conflito que não fomos capazes de compreender. No âmbito escolar,

[...] quanto mais diversificado for o perfil dos alunos (e dos professores), maior será a possibilidade de conflito ou de diferença de opinião. E isso numa comunidade que está treinada para inibir o conflito, pois este é visto como algo ruim, uma anomalia do controle social (Chrispino, 2007, p. 17).

Assim, ao perceber que os conflitos não são somente “algo ruim”, precisamos pensar em maneiras adequadas de realizar as suas mediações, uma vez que a escola também é esse *locus* privilegiado de aprender a viver socialmente, adotando uma



postura reflexiva e de compreensão entre os diferentes participantes, de modo democrático e plural (Silva, 2011; Chrispino, 2007; Assis e Marriel, 2010).

Nesse viés, os conflitos possuem, igualmente, um papel importante, incentivando o sentido da escuta atenta, da empatia, do acolhimento, da regulação das emoções, da construção de estratégias e aprendizagens em relação às frustrações e até mesmo à percepção de diferenças com foco no respeito. Quando entramos nesse viés ético de condução de um diálogo que respeita os diferentes envolvidos, podemos pensar em modos mais éticos de estabelecer as relações sociais. Desse modo, podemos considerar que o conflito quando encontra um “ambiente passível de escuta ou de negociação é bom e produz mais democracia e cidadania, seja quando leva a consenso, seja quando permite a cada um aprofundar suas posições” (Assis; Marriel, 2010, p. 58).

Historicamente, podemos encontrar algumas condutas que hoje já não nos cabem mais durante mediações de conflitos, como as cadeirinhas do pensamento⁴, semáforo do comportamento⁵, suspensões, castigos, punições e até mesmo violências físicas e verbais. Tais ações podem ter sido repassadas de forma geracional como meio de conhecimento e possível solução instantânea para os conflitos cotidianos, porém sem um viés ético que conduza ao respeito e ao diálogo empático, tornam-se ações vazias e sem efeito. Afinal, ao pensarmos sobre a comunicação como uma forma ética de se relacionar, devemos levar em consideração os sujeitos com os quais interagimos, sendo que o outro é um sujeito com direitos, sentimentos e necessidades a serem contempladas.

Nas escolas, a mediação adequada, com base na comunicação humana pela palavra, "pode induzir a uma reorientação das relações sociais, a novas formas de cooperação, de confiança e de solidariedade; formas mais maduras, espontâneas e

⁴ Ação utilizada por alguns adultos para colocar a criança sentada para “pensar” no que fez, muitas vezes, como forma de castigo ou de punição para um conflito surgido no ambiente.

⁵ Ação utilizada para registrar, com as cores de um semáforo, como a criança está se comportando, classificando-a de acordo com suas ações, sendo o vermelho para quando não se comporta e merece “parar”, o amarelo quando está “mais ou menos” e precisa de “atenção” e o verde quando se comporta e está de “parabéns”, podendo “seguir” assim.



livres de resolver as diferenças pessoais ou grupais" (Chrispino, 2007, p. 23). Dessa forma, podemos compreender que tal mediação pode ser considerada com um viés ético, levando em consideração o respeito mútuo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise do resumo das obras mais vendidas no site da *Amazon.com*, produzidos pela pesquisa documental, percebemos que o tema da comunicação humana e da Comunicação não violenta (CNV) merece ter seu debate ampliado para um viés dialético-crítico e ético, e não somente pelo viés da psicologia humanista ou comportamental, principalmente, para que os profissionais da educação saibam justificar porque estão atuando de certo modo, e não somente saibam executar “técnicas” ou aplicar ferramentas na resolução de conflitos.

Numa era tecnológica, em que muitos educadores recorrem às plataformas digitais para buscar referencial teórico e práticas a serem “aplicadas”, faz-se necessário refletir sobre quais são as obras em destaque que abordam o tema da CNV e quais seriam suas contribuições para o campo educacional, especialmente com um olhar teórico crítico para a prática docente. E, nesse cenário, o que verificamos é que as obras mais vendidas sobre o tema, hoje, são voltadas especialmente para o contexto familiar, não havendo relação direta com a formação de professores e com a educação escolar. Por isso, precisamos refletir: se a ética se faz no encontro, como diria Freire (2013), por que usar manuais e receitas sem se encontrar com o outro, que é concreto, singular, diverso e plural?

Ao acreditar que o ambiente escolar propicia a construção das relações e dos vínculos humanos, colaborando para que a sociedade seja mais justa e solidária (Brasil, 1988), retomar o que Freire (1983; 2013) pontua sobre o papel da comunicação e da palavra é fundamental. Afinal, a comunicação humana pela palavra é um modo de estabelecer o encontro com o outro, de exercer a cidadania e a democracia, uma vez que, de modo dialógico, podemos não só perceber o ponto de



vista do outro, mas o nosso próprio, construindo modos mais justos, éticos e solidários nas relações.

Os conflitos podem surgir em diversos lugares, oriundos de relações e da convivência entre pessoas. Na escola, isso não é diferente. O que ocorre é que precisamos aprender a olhar os conflitos para além de seu viés negativo e destrutivo nas relações, o que poderia ser solucionado com “técnicas” ou com “receitas” universais a serem aplicadas em qualquer contexto, com qualquer sujeito. Os conflitos humanos são, sobretudo, espaços de diálogo e aprendizado, espaço de encontros com o outro pela via da palavra, do respeito e da empatia, condutas que, muitas vezes, podem ser algo difícil de exercer, pois exigem autorregulação e a reflexão de cada um, mas são possíveis de serem alcançadas, quando a escola tem clareza de sua responsabilidade social na construção de uma sociedade justa, solidária e igualitária.

Portanto, faz-se necessário possibilitar ambientes e momentos de interações e construção de diálogos, especialmente, nas relações na escola, pois esse contexto educativo é um espaço de formação humana por excelência, tanto de modo pessoal, como social (Silva, 2011). Acreditamos que a CNV, concebida dentro de um viés da ética humana, de uma perspectiva dialético-crítica, possa auxiliar nessas questões, não como manual, mas com conceitos que nos fazem refletir sobre as práticas pedagógicas mais democráticas desenvolvidas nas escolas, levando em consideração os sujeitos envolvidos, de forma a respeitá-los em sua pluralidade.

REFERÊNCIAS

ASSIS, S. G.; MARRIEL, N. S. M. Reflexões sobre violência e suas manifestações na escola. *In*: ASSIS, S. G. (org.) **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/Editora FIOCRUZ, 2010.]

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, 1988.

Disponível em:

<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bistream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf>. Acesso em: 14 set. 2023.



CHRISPINO, Á. **Gestão do conflito escolar**: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 15, n. 54, p. 11-28, jan./mar. 2007.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 45ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 58ª ed. rev. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GADAMER, H-G. **Verdade e método I**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução: Flávio Paulo Meurer. Revisão da tradução: Ênio Paulo Giachini. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. de. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo, SP: Atlas 2003.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. 2ª. ed. São Paulo: EPU, 2015.

PELIZZOLI, M. Introdução à Comunicação Não Violenta (CNV) - reflexões sobre fundamentos e método. In. PELIZZOLI, Marcelo; SAYÃO, Sandro. (orgs.) **Diálogo, mediação e justiça restaurativa**: Cultura de Paz. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

ROSENBERG, M. **Vivendo a comunicação não violenta**. Tradução de Beatriz Medina. Rio de Janeiro, Sextante, 2019.

SILVA, R. R. da. **A EMOÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**: um olhar sobre a aprendizagem na convivência humana. São Paulo, 2018.

SILVA, A. C. Mediação e(m) educação: discursos e práticas. **Revistas Intersaberes**. Curitiba, ano 6, n. 12, p.249-265, jul/dez 2011.

Recebido em: 03-05-2024

Aceito em: 09-01-2025

